



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE**

**CURSO DE PEDAGOGIA**

**INGRID VALADARES BARBOSA DA SILVA**

**A MEDIAÇÃO DO PROFESSOR COMO ESTRATÉGIA DE COMPREENSÃO  
LEITORA DE TEXTOS LITERÁRIOS**

**Brasília - DF**

**Dezembro de 2014**



**Universidade de Brasília - UnB**

**Faculdade de Educação - FE**

**A MEDIAÇÃO DO PROFESSOR COMO ESTRATÉGIA DE COMPREENSÃO  
LEITORA DE TEXTOS LITERÁRIOS**

Trabalho final de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dra. Solange Alves de Oliveira Mendes.

**Brasília – DF**

**Dezembro de 2014**

**INGRID VALADARES BARBOSA DA SILVA**

**A MEDIAÇÃO DO PROFESSOR COMO ESTRATÉGIA DE COMPREENSÃO  
LEITORA DE TEXTOS LITERÁRIOS**

Monografia apresentada à Faculdade de Educação (FE) como requisito à obtenção do título de Graduação do Curso de Pedagogia da Universidade de Brasília (UnB), apreciada e aprovada em 11 de Dezembro de 2014 pela banca examinadora composta por:

---

**Profa. Dra. Solange Alves de Oliveira Mendes (orientadora)**

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

---

**Profa. Dra. Liliane Campos Machado (examinadora)**

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

---

**Profa. M.<sup>a</sup> Paixão Marilete Alves Pinheiro (examinadora)**

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

**Brasília – DF**

**Dezembro de 2014**

## FICHA CATALOGRÁFICA

SILVA, Ingrid Valadares Barbosa da.

A mediação do professor como estratégia de compreensão leitora de textos literários. Ingrid Valadares Barbosa da Silva – Brasília –DF 2014.

47 Páginas.

Monografia (Trabalho de conclusão de curso) - Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, 2014.

Orientadora: Profa. Dra. Solange Alves de Oliveira Mendes.

1- Mediação 2- Compreensão leitora 3- Estratégias de leitura.

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus, pelo dom da vida, e por tudo que tenho, pois nada acontece sem a permissão dele. Agradecer também por ter colocado pessoas maravilhosas em meu caminho.

Sou muito grata a minha família por ter me aturado em vários momentos de chatices e de estresses durante a graduação. Agradeço em especial a minha mãe, Isabel Pereira Valadares, que foi meu porto seguro, correu atrás de seus objetivos, com muitas dificuldades, e venceu na vida com seu próprio esforço. Me ensinou a trilhar os caminhos do bem, e sempre esteve ao meu lado, me dando força e me apoiando.

Agradeço ao amor da minha vida, o meu noivo, meu companheiro de todos os momentos Rafael França, que durante esses quase quatro anos de graduação, esteve ao meu lado, me apoiando e me ajudando a prosseguir.

Sou muito grata pelas amizades que fiz na UnB, e a todas as pessoas que estiveram comigo durante o curso em especial a Daniele, Jéssica (Tchuca), Lohane e Thiene, que foram minhas companheiras durante esses anos, companheiras de trabalhos, de risadas, de conversas bobas.

Gostaria de agradecer as professoras que se disponibilizaram para a leitura e análise de meu trabalho. A minha orientadora Solange, que de certa maneira salvou minha vida, agradeço pelo acolhimento, paciência, pelo auxílio, em meio as correrias e os contratempos.

Agradeço a todos os professores que de alguma forma contribuíram para a minha formação acadêmica, e por estar vencendo mais uma etapa da minha vida, por não ter desistido apesar das dificuldades.

## **RESUMO**

O presente trabalho objetivou analisar como se dava a compreensão de textos literários, por parte de uma turma do 1º ano do ensino fundamental, considerando a mediação do professor em sala de aula. Esse eixo de ensino de língua é relevante visto que, como aponta Solé (1998) à aprendizagem da leitura e de estratégias adequadas para compreender os textos requer uma intervenção explicitamente dirigida a essa aquisição. O interesse foi priorizar questões, tais como: o espaço dado à leitura e a compreensão leitora nessa etapa da escolarização básica, a articulação desse eixo com o de apropriação do sistema de escrita alfabética, bem como com o de produção de textos. Como instrumento metodológico, recorri à entrevista semiestruturada, a qual, apesar de ter um roteiro prévio, conta com adequações que podem ocorrer durante a realização da mesma. Como dado geral da pesquisa, pude observar que a prática da leitura, está bem presente em sala de aula e fora dela, e as professoras tinham um papel fundamental neste processo.

**Palavras chaves:** Mediação do professor; Compreensão leitora; Textos literários; Estratégias de leitura.

## SUMÁRIO

|                                                                                                                                                                                      |    |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Memorial.....                                                                                                                                                                        | 08 |
| Introdução .....                                                                                                                                                                     | 15 |
| Capítulo 1- Referencial Teórico.....                                                                                                                                                 | 17 |
| 1.1 Alfabetização e letramento: singularidades e entrecruzamentos .....                                                                                                              | 17 |
| 1.2 Letramento literário: contribuições ao trabalho de sala de aula .....                                                                                                            | 20 |
| 1.3 A mediação do professor e a prática de compreensão leitora de textos literários.....                                                                                             | 24 |
| Capítulo 2- Metodologia .....                                                                                                                                                        | 28 |
| Capítulo 3 - Análise de Dados.....                                                                                                                                                   | 31 |
| 3.1 Concepções das professoras acerca da alfabetização e do letramento ....                                                                                                          | 31 |
| 3.2 A prática de leitura na sala de aula: como procediam as professoras? ....                                                                                                        | 32 |
| 3.3 Gêneros textuais utilizados pelas professoras .....                                                                                                                              | 35 |
| 3.4 O que é preciso, enquanto professor, para ser um mediador no processo de compreensão leitora? Quais as alternativas de compreensão leitora são utilizadas em sala de aula? ..... | 36 |
| 3.5 Estratégias utilizadas pelas professoras, em relação aos alunos que possuem dificuldade de compreensão .....                                                                     | 39 |
| Considerações finais .....                                                                                                                                                           | 42 |
| Perspectivas profissionais.....                                                                                                                                                      | 44 |
| Referências .....                                                                                                                                                                    | 45 |
| Apêndice .....                                                                                                                                                                       | 47 |
| Roteiro das Entrevistas semiestruturadas com as professoras.....                                                                                                                     | 47 |

## MEMORIAL

A vida é uma grande escola, sempre temos algo a aprender, e estamos sendo postos a prova toda hora, todos os dias.

O ambiente escolar é fundamental em nossas vidas, e é um suporte para que possamos nos firmar, cada vez mais, dentro da sociedade, e sermos capazes de pensar e ter autonomia para tomar decisões.

Entrei para escola muito nova, com cinco anos de idade e, para mim, foi algo mágico, ver e conhecer todos os colegas, a professora, ver a variedade de coisas que seriam trabalhadas. Fiquei muito empolgada, eram muitas expectativas, tudo era completamente novo para mim. Percebi ali que não estava sozinha, tinham outras pessoas, cada uma do seu jeito, com saberes e gostos diferentes.

Nos anos iniciais, tive ótimos professores, queria muito reencontrá-los, pois tiveram muita importância para mim e fizeram toda a diferença em minha vida. Tenho muitas recordações boas, nunca me esqueci de nenhum deles e nem das lições que me eram passadas. Sempre os admirei e os valorizei.

Não desmerecendo os outros professores, encantei-me bastante com uma professora que tive na 1ª série, professora Cláudia. Ela era linda, atenciosa, compreensiva. Queria ser igual a ela quando crescesse. Realmente foi uma referência muito significativa, e, desde então, surgiu em mim a vontade de me tornar professora.

Lembro-me de que minha maior vontade, assim que entrei para a escola, era de escrever e ler depressa. Eu via as outras crianças de séries mais avançadas e os adultos lendo e escrevendo rápido, e tinha a maior vontade de fazer o mesmo.

Como ainda estava aprendendo, era tudo feito muito devagar, mas a professora, e minha mãe também, sempre me disseram que eu iria chegar lá, era questão de treino, e se eu treinasse, pegaria a prática. Afirmavam, ainda,

que era normal, pois todo mundo já tinha passado por essa fase, e que nas séries posteriores iria me aperfeiçoar mais.

Já no ensino fundamental dois, correspondente, hoje, do 6º ao 9º ano, as coisas complicaram um pouco para mim. Para quem tinha somente uma professora, de repente se vê com um professor para cada matéria, assusta um pouco, mas logo me adaptei, e tinha maior vontade em ajudá-los, adorava fazer as atividades que eram propostas. Foi nesse período que começaram as minhas dificuldades de aprendizagem em Matemática, e assim, em seguida, vieram as aulas de reforço.

Nessa fase do ensino fundamental dois, mudei de escola umas três vezes, por motivos de mudança de moradia, e isso foi um pouco prejudicial para mim. Sempre que estava me adaptando, mudava de escola novamente.

Na 8ª série (atualmente 9º ano) fui para a recuperação, tive duas semanas para estudar para a prova. Desesperei-me, achei que não conseguiria mesmo. Tinha que passar. Na ocasião, contei com a ajuda dos meus amigos que deixaram de viajar nas férias para me ajudar a estudar. Até a minha mãe relembrou o conteúdo para me ajudar também e funcionou. Tirei nota 10 na prova de recuperação e fiquei radiante, muito feliz e grata a todos que me ajudaram. Foi nesse momento que descobri que eu tinha amigos de verdade e que realmente gostavam de mim.

Ao chegar ao Ensino Médio, me senti vitoriosa. Dizia: graças a Deus já saí do Ensino Fundamental, mais uma etapa foi vencida. Acho normal pensar assim, pois o intuito é sempre seguir adiante.

O 1º ano foi bem produtivo, adorava as disciplinas de Biologia, Geografia e Português. Eram minhas preferidas, tudo se constituía em novidade para mim. Senti-me até mais adulta nessa etapa de ensino. Mas nem tudo são flores.

O 2º ano já foi conturbado, mudaram alguns professores e isso me prejudicou. Não conseguia acompanhar o método com o qual respaldavam suas práticas de ensino. Minha mãe comentou que comecei a me prejudicar a partir do momento em que entrei para essa escola, instituição em que estudei

da 8ª série (atualmente 9º ano) ao 2º ano do ensino médio. Acabei, então, reprovando este ano. A partir disso, minha mãe se desesperou e resolveu me mudar de escola.

Não fiquei feliz em saber que ia mudar de escola, mas minha mãe me dizia que minha educação era mais importante, que sabia o que era melhor para mim e seguiu com sua ideia.

No 2º ano do ensino médio, depois de quase minha vida inteira estudando em escola pública, minha mãe me mudou de colégio. Fui para uma instituição particular, em que ela pagou com muita dificuldade e esforço, mas, segundo ela, ia fazer muita diferença em minha vida. De início, houve uma rejeição da minha parte, pois eu não queria sair de onde estava, e pensava também nos colegas, visto que iria perder o vínculo. Pensar dessa forma é pura bobagem, pois quem realmente é amigo, independente de mudança de escola, não vai deixar de falar e nem gostar de você, mas, de início, era esse meu pensamento.

Cheguei a essa escola e posso dizer que minha vida mudou. Sempre me orgulho de falar sobre isso, pois lá encontrei professores e amigos que me acolheram e gostaram de mim desde o início. Além disso, me auxiliaram bastante em meu desempenho.

A minha dificuldade em Matemática, nesse contexto, já diminuiu, pois sempre nos reuníamos para estudar, e estudávamos de verdade. Refazíamos os exercícios, entre outras coisas. Minha mudança foi imediata, minhas notas começaram a subir, percebi que estava mais esforçada, mais apta até a ensinar outros colegas com dificuldades.

Não desmereço, de forma alguma, a escola pública, mesmo porque foi lá que passei a maior parte da minha vida, aprendi bastante coisa, tive diversas experiências, tenho várias recordações, e me fez crescer muito. Mas necessito destacar que a escola particular fez a diferença.

Segui com a mesma turma no 2º e 3º ano, e, ao término do ensino médio, ficou uma grande amizade com os professores e colegas de classe. Vou levar isso para o resto da minha vida.

Em toda minha trajetória escolar, sempre participei de tudo: apresentação, passeios, adorava ler, escrever, ajudar os outros colegas também em alguma matéria em que eles sentiam dificuldade, e que era mais fácil para mim. Os trabalhos em grupo sempre foram interessantes, pois é importante saber trabalhar em grupo, ouvir os colegas, as opiniões de cada um, é uma troca muito prazerosa, e também se torna divertido.

Apesar de as escolas sempre atentarem muito para o vestibular, o PAS (Programa de Avaliação Seriada) e todos esses programas avaliativos para o ingresso na universidade, nunca quis saber a fundo sobre isso, mas o meu medo era de todos os meus amigos conseguirem passar para uma faculdade, e eu ficar para trás. Ficava muito aflita pensando nisso. Na minha família, nunca teve essa pressão: “você tem que estudar na UnB (Universidade de Brasília)”, mas lógico que ,se eu passasse, seria ótimo. Minha mãe sempre me confortou dizendo que se eu não passasse, nós daríamos um jeito e que eu não iria ficar para trás.

Sempre tive a certeza de querer ser professora, e, ao me inscrever no vestibular, me deparei com várias opções de curso, mas já havia me decidido.

Estudei bastante, não precisei fazer cursinho, e, então, fui prestar vestibular. Senti uma facilidade ao fazer a prova. Sempre me dei bem em redações, geralmente as pessoas ficam com medo dessa parte da prova, e também conta mais nota. Tinha facilidade, mas, mesmo assim, bateu um medo de não conseguir.

Chegou o dia de ver o resultado, estávamos eu e minha família. Minha mãe em um computador e eu em outro, e, para minha surpresa, lá estava meu nome. Fiquei sem reação na hora, mas extremamente feliz. Minha mãe me dizia que eu tinha passado mesmo e eu não acreditava. Liguei para a família inteira para dar a notícia. Minha ficha ia demorar a cair.

Cheguei à Universidade de Brasília com muitas expectativas, a procura por pessoas conhecidas, novas amizades, com a sensação de alívio e responsabilidade, alívio por ter conseguido mais esta vitória e responsabilidade

de estar nesse contexto. Em busca de maiores conhecimentos, de novos caminhos a serem percorridos e de respostas a todas as minhas dúvidas.

A semana de recepção foi maravilhosa, e o pessoal bem receptivo. Quando eu vi todas as possibilidades, todas as atividades que eu poderia me inserir, as diversas linhas de pesquisas e metodologias abordadas, as áreas que poderia seguir, fiquei louca, queria fazer parte de tudo simplesmente, não tinha conhecimento que o curso de Pedagogia era tão amplo.

O 1º semestre foi para mim um momento de adaptação, por que é certo que uma Universidade é completamente diferente de uma escola, então, por exemplo, questões como: poder sair de sala sem pedir para o professor; entrar sem bater na porta e diversas outras situações foram meio que difíceis de aceitar, por que vim de uma realidade completamente diferente.

A disciplina de “Oficina vivencial” era a que eu mais gostava nesse período, os alunos se emocionavam, os trabalhos eram muito prazerosos, foi maravilhoso. Não tenho muitas palavras para descrever, era muito gratificante participar desta aula.

No 2º semestre, a disciplina que mais me interessou foi o “Educando com necessidades educacionais especiais”. Aprendi a lidar com as diferenças e reconhecer que as pessoas com necessidades especiais têm muita capacidade para fazer diversas coisas que uma pessoa dita “normal” faz, lógico que respeitando as suas limitações, dependendo de qual seja sua necessidade especial. Aprendi a escrever em Braille e foi uma experiência única. Acredito que todos os cursos da Universidade deveriam ter uma disciplina como essa.

No 3º semestre, na disciplina de “Ensino de Ciência e Tecnologia”, tinha que escrever um livro paradidático, e para isso, precisaríamos visitar uma escola, e entrevistar crianças a respeito do tema que havia escolhido para escrever o livro, foi bem interessante e produtivo, o resultado foi excelente.

Já no 4º semestre, tive a experiência de pegar disciplina fora da Faculdade de educação, do curso de Serviço Social. Foi bem diferente para mim, mas, também, muito produtivo. Nesse mesmo semestre, fiz um estágio na reitoria durante seis meses, na Diretoria de Desenvolvimento Social, contexto

em que aprendi várias coisas, tanto no âmbito do trabalho, como pessoal. Aprendi a ter mais responsabilidade, a enfrentar muita coisa, e que a relação com o outro nem sempre é um “mar de rosas”, e contribuiu bastante a minha formação.

O 5º semestre foi um pouco conturbado devido à greve que aconteceu no ano anterior. Foi bem corrido, e, nesse período, a disciplina que mais marcou foi a de “Escolarização de surdos e libras”.

O 6º semestre, a disciplina de “Avaliação das organizações educativas” pôde fazer com que eu entendesse mais sobre as avaliações externas, sobre as diversas formas de se avaliar. É uma disciplina muito importante e necessária.

O Estágio obrigatório, onde podemos ter uma vivência concreta das situações educativas, foi maravilhoso. A experiência é única e muito gratificante, gostei tanto da experiência, que mesmo após o término do estágio, continuei comparecendo a escola, a fim de continuar acompanhando o desenvolvimento da turma.

De uma forma geral, as disciplinas me encantaram, os professores foram excelentes. A cada semestre, uma nova surpresa, algo novo para aprender, novos desafios. Os cursos de extensão são muito válidos e acrescentam muito na formação de um pedagogo. Sempre gostei de participar.

A questão dos projetos, que se integram desde os primeiros semestres, é muito interessante, e é também um diferencial do curso de Pedagogia para com outros cursos. Torna-se importante, porque esses projetos se constituem num fio condutor, um suporte para o que pode vir a se constituir num trabalho final de curso, e nós, alunos, temos total liberdade para escolher as áreas de interesse, dentro de cada temática de projetos. Para mim, os projetos são especiais e totalmente válidos, pois como temos muito teoria em nosso curso, os projetos nos levam à prática.

No decorrer de minha formação acadêmica, vivenciei momentos maravilhosos e inesquecíveis, mas, vários fatos me chamaram a atenção e ainda chamam. É muito lindo conhecer a realidade de algumas escolas, e

muito triste conhecer a de outras, de uma grande maioria alias. Causa-me profunda indignação o descaso com a educação no Brasil. Nunca desisti de acreditar em uma educação melhor para todos, ainda tenho esperança, é difícil, mas não impossível.

Tenho orgulho do meu curso, e de todos os professores que fizeram parte de minha formação. Professores que amam o que fazem que nos encorajam a realmente fazer e ser a diferença, e seguir este caminho tão lindo da docência, mesmo em meio às dificuldades. Professores que ensinam seus alunos a pensarem, questionarem, ensinam a aprender a ler nossa realidade, para que possamos construir opiniões próprias.

Escolhi trabalhar essa temática em meu trabalho, por que sei o quanto um professor pode fazer a diferença na vida de seus alunos, e auxiliá-los, a ponto de proporcionar uma aprendizagem significativa e das mais variadas formas possíveis, no caso deste trabalho, a fim de trabalhar sistematicamente a leitura na formação dos alunos.

## INTRODUÇÃO

O presente estudo é resultado de uma pesquisa que objetivou analisar a compreensão de textos literários, por parte de uma turma de 1º ano do ensino fundamental, através da mediação do professor. Interessou-me apreender o papel exercido por esse profissional, enquanto mediador do processo de construção de conhecimento e o impacto no desempenho da turma nesse eixo de ensino da língua.

Algumas das experiências que tive no decorrer de minha formação docente mostraram-me que muitos alunos apresentam dificuldades em ler e compreender o que está sendo lido, e nota-se que os professores possuem diferentes concepções quanto ao ensino de leitura no início da escolarização. Oliveira (2013), por exemplo, ao analisar a progressão das atividades de leitura, compreensão e produção textual no 1º ciclo, apreendeu, no caso das professoras do 1º ano, que a leitura ficava a cargo, sobretudo, dessas profissionais. Num geral, não acreditavam que o aluno, nessa etapa, teria autonomia para ler.

Minha motivação se deu pela preocupação em relação à qualidade da aprendizagem desses alunos, pois essas dificuldades acabarão refletindo em seus processos de escolarização. Diante disso, senti a curiosidade de saber quais estratégias são utilizadas pelos professores, a fim de verificar se seus encaminhamentos vão (ou não) na direção da formação do leitor autônomo, ou seja, um leitor que busque os livros que quer ler, o que lhe interessa.

A respeito do trato didático dado ao eixo da leitura na escola, entendo que é crucial ocorrer uma mediação para que o aluno possa compreender e interpretar, de maneira mais clara, os textos trabalhados. O professor como mediador da leitura de textos literários (ou não literários), pode lançar mão de várias alternativas didáticas em sala de aula, objetivando inserir o educando nessa dinâmica de aprendizagem.

Tive como objetivo geral, analisar como se dá a compreensão de textos literários, por parte de uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental,

considerando o aspecto da mediação do professor em sala de aula. E como objetivos específicos, analisar o espaço dado à leitura e a compreensão leitora nessa etapa da escolarização básica. Verificar se após a leitura, a professora faz alguma atividade que visa à compreensão textual. E analisar o tratamento dado pela professora para os alunos que demonstram desenvolvimentos diferenciados no processo de leitura e compreensão.

O trabalho está estruturado em três partes. A primeira delas é o memorial, momento em que descrevo minha trajetória escolar e acadêmica, destaco as experiências que contribuíram para a minha formação, desde os primeiros anos na escola até a graduação.

Na continuidade, apresento o referencial teórico, a metodologia e a análise dos resultados. Trago contribuições do letramento, bem como letramento literário, assim como, em outro bloco, o eixo da leitura e da compreensão de textos literários. Ainda nessa parte, pontuo algumas considerações finais, bem como perspectivas para futuras pesquisas.

A terceira e última parte, se refere à perspectiva profissional, ocasião em que faço uma reflexão sobre ações futuras almejadas como educadora.

## CAPÍTULO 1. REFERENCIAL TEÓRICO

### 1.1 Alfabetização e letramento: singularidades e entrecruzamentos

A partir da década de 1990, as discussões e concepções de alfabetização se ampliaram, desencadeando uma reflexão sobre os usos e práticas da leitura e da escrita. O conceito de alfabetização passou a ser vinculado ao de letramento.

De acordo com Soares (1998), um indivíduo alfabetizado é aquele que sabe ler e escrever, um indivíduo letrado é aquele que, além de saber ler e escrever, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita.

Conforme Moraes (2005), no concernente à apropriação do sistema de escrita alfabética, o sujeito cognoscente passaria por um processo de reconstrução desse objeto de conhecimento que tem várias propriedades. Nessa empreitada, lançaria mão de várias hipóteses para construir escritas silábicas e alfabéticas.

Santos e Ferraz (2007) apontam que é necessário oportunizar situações de aprendizagem da língua escrita nas quais o aprendiz tenha acesso aos textos e a situações sociais de uso deles, mas que seja levado a construir a compreensão acerca do funcionamento do sistema de escrita alfabética. Quando os alunos não dominam o sistema de escrita alfabética, faz-se necessário a presença do professor mediador. O professor tem um papel importante nessa empreitada de alfabetizar e letrar no contexto da escola.

Segundo Soares (1998), o termo letramento é a versão para o português da palavra de língua *inglesa* *literacy*, que significa o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e a escrever. A autora considera que letramento é o uso social que o sujeito faz da leitura e da escrita.

Ainda de acordo com Soares (1998), o letramento pode ser entendido como:

O resultado da ação de ensinar ou aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social, ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita. (p.18)

De acordo com a autora, é preciso esclarecer que ‘não-alfabetizado’ e ‘iletrado’ não são sinônimos. Do seu ponto de vista, o ‘iletrismo’ não existe, enquanto ausência total, nas sociedades industrializadas modernas (SOARES, 1998, p. 24).

Segundo Tfouni (1995), “os estudos sobre letramento procuram examinar não somente as pessoas que adquiriram a tecnologia do ler e escrever, portanto, alfabetizadas, como, também, aquelas que não adquiriram essa tecnologia, sendo elas consideradas ‘analfabetas’”. (p.10) Para a autora, enquanto a alfabetização se ocupa da aquisição da escrita por um indivíduo, ou grupo de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade.

Soares (1998) realça que alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando. Ensinar a escrita alfabética no contexto das práticas sociais em que esse objeto de conhecimento aparece.

Segundo Mortatti (2004, p.107), somente o fato de ser alfabetizada não garante que a pessoa seja letrada, e somente o fato de viverem em uma sociedade letrada não garante a todas as pessoas formas iguais de participação na cultura escrita.

A diferença entre alfabetização e letramento, é que um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado, alfabetizado é aquele indivíduo que saber ler e escrever, já o letrado, vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente as demandas sociais de leitura e de escrita. (SOARES, 1998, p.39-40)

“Alfabetizar letrando é, portanto, oportunizar situações de aprendizagem da língua escrita nas quais o aprendiz tenha acesso aos textos e a situações sociais de uso deles, mas que seja levado a construir a compreensão acerca do funcionamento do sistema de escrita alfabético. Em uma situação de aprendizagem na qual os alunos ainda não dominam o sistema de escrita alfabético, faz-se necessário que o professor atue como mediador, seja lendo, seja registrando por escrito os textos produzidos oralmente pelos alunos”. (Santos e Ferraz, 2007, p.98 e 99)

Não basta apenas aprender a ler e escrever. As pessoas se alfabetizam, aprendem a ler e a escrever, mas não necessariamente incorporam a prática da leitura e da escrita, não necessariamente adquirem competência para usar a leitura e a escrita, para envolver-se com as práticas sociais de escrita. Sobre esse assunto, Soares (1998) destaca que

Esse novo fenômeno só ganha visibilidade depois que é minimamente resolvido o problema do analfabetismo e que o desenvolvimento social, cultural, econômico e político traz novas, intensas e variadas práticas de leitura e de escrita, fazendo emergirem novas necessidades, além de novas alternativas de lazer. Aflorando o novo fenômeno, foi preciso dar um nome a ele: quando uma nova palavra surge na língua, é que um novo fenômeno surgiu e teve de ser nomeado. Para nomear esse fenômeno, surgiu a palavra letramento. (SOARES, 1998, p.45 - 46).

A autora em questão pontua que é necessário desenvolver em salas de alfabetização o duplo objetivo: ensinar o aluno a apropriar-se das características específicas do sistema de escrita, ao mesmo tempo em que estivesse sendo letrado.

Analisar a alfabetização e refletir sobre ela na perspectiva do letramento é recente no nosso país. Muito se questiona, ainda, sobre como trabalhar a alfabetização e o letramento ao mesmo tempo, e o porquê de se alfabetizar letrando. Apesar desse assunto, Maciel e Lúcio (2007) realça que:

Muitos professores ainda acreditam que somente após o processo de alfabetização é que deve ser iniciado o processo de letramento, ou seja, que para se tornar letrado, é preciso, primeiramente, adquirir a tecnologia da escrita. Em outros casos, observa-se o contrário, professores privilegiam a interação com textos, entretanto, não dão atenção aos aspectos específicos da alfabetização, o que compromete seriamente o processo de aquisição das habilidades de ler e escrever. (MACIEL, LÚCIO, 2007, p.17).

Mortatti (2004) aponta que:

Mesmo adultos ou crianças analfabetos ou pertencentes a grupos com cultura predominantemente oral, podem ser considerados letrados em certo nível, porque podem utilizar em seu discurso oral características apontadas como exclusivas do discurso escrito, indicando sua imersão no letramento, por meio de práticas orais de socialização do escrito e de aprendizagem não escolar da cultura letrada. Ou ainda, pode ocorrer que pessoas alfabetizadas tenham um baixo nível de

letramento, chegando mesmo a ser consideradas iletradas. (p.106 e 107).

Vários desdobramentos/concepções do termo letramento vem sendo amplamente discutidas na literatura. Uma delas é o letramento literário, assunto do qual me ocuparei nesse estágio da sistematização.

## **1.2 Letramento literário: contribuições ao trabalho de sala de aula**

Cosson (2012) defende que o processo de letramento literário é diferente da leitura literária por fruição, ou seja, o prazer pela leitura, na verdade, esta depende daquela. Isso quer dizer que a escola deve disponibilizar meios, para que os alunos possam estar sempre em contato com o letramento literário, que são as diversas práticas sociais, como o aluno fará uso dessa leitura, e que está possa estar vinculada a leitura literária por fruição, que tem como objetivo, mobilizar os vários saberes do aluno, envolve-lo nessa prática, possibilitando o incentivo e o desenvolvimento de novas formas de apreensão.

Para ele, a literatura deve ser ensinada na escola. Vejamos, a despeito desse assunto, o que enfatiza:

[...] devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem nos alerta Magda Soares, mas, sim, como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização. (p. 23)

Por meio da literatura, a criança passa a habitar o mundo da imaginação, um mundo que ela tem contato desde pequena. O lúdico se torna muito importante neste momento, e é preciso que o contato com os textos literários comece desde cedo, para que se familiarize com tais gêneros, portanto, a escola tem o papel crucial de introduzir a literatura na vida dessas crianças, pois não são todas as crianças que possuem um contato em casa com a literatura, em muitos casos, o primeiro contato que elas terão com a leitura será na escola.

Cosson (2012, p.30) aponta que na escola a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do

hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas, sim, e, sobretudo, porque nos fornece como nenhum tipo de leitura faz os instrumentos necessários para conhecer e articular, com proficiência, o mundo feito linguagem.

Segundo Paiva e Rodrigues (2007, p.113), “a leitura de livros de literatura pode também instituir novos modos de ler na escola (por ser um objeto de fácil locomoção). O espaço em que acontece a leitura não precisa ser necessariamente a carteira da sala de aula”. Ou seja, os alunos podem escolher onde querem ficar, a professora pode sugerir novos locais para efetivar essa leitura. Momento de descontração, a leitura literária se torna mais prazerosa, para que possam ter uma relação mais livre com a leitura.

É necessário formar leitores críticos, e a literatura pode ser uma porta de entrada para que o aluno assuma uma atitude crítica em relação ao mundo.

Para Paiva e Rodrigues (2007), muitas questões ainda se colocam como desafiadoras no trabalho com a literatura na escola. É necessário que se considerem as possibilidades de propostas adequadas de leitura literária em sala de aula, que hoje se ampliam, apoiadas por políticas de aquisição de livros, sem as quais dificilmente poderiam se efetivar. Embora o acesso ao livro corresponda a um avanço, as propostas, muitas vezes, ainda carecem de mediação mais adequada no ambiente da sala de aula. Por outro lado, atesta a autora que:

a escola, muitas vezes, deixa de aproveitar a experiência ficcional iniciada em casa, no contato com adultos e outras crianças, em que se contam histórias, recitam-se parlendas, brinca-se de trava línguas. Experiência que, se bem aproveitada, deveria ser intensificada com a entrada na escola, podendo proporcionar a ampliação da visão de mundo e um refinamento na compreensão de vivências por parte das crianças. (PAIVA, RODRIGUES, 2007, p. 107)

Ainda me reportando a Paiva e Rodrigues (2007), atualmente, nas escolas, existe uma discussão sobre o lugar que a literatura deve ocupar, já que vivemos em uma sociedade onde existe uma multiplicidade de textos, uma presença marcante de imagens e uma variedade de produtos culturais. A autora realça que, em sala de aula de anos iniciais do ensino fundamental, a

literatura infantil circula por meio de vários suportes, por exemplo, livros didáticos, dentre outras.

Considera-se importante a presença da literatura nesses suportes, pois se acredita que eles suscitam diferentes práticas de leitura literária e podem até revelar características específicas da apropriação dos gêneros literários na escola, como, também, concepções de textos literários e leitura literária que estão sendo reforçadas em uma sala de aula.

É a partir do momento externo da interpretação que percebemos a diferença entre o letramento literário feito na escola e a leitura literária feita de forma mais independente. De acordo com a teoria desenvolvida por Cosson (2012), é interessante observar que, para que o aluno tenha prazer na leitura, é necessário que ele passe pelo letramento literário.

Nessa direção, a escola tem papel importante também nesse momento e talvez seja ela, de fato, a principal responsável pela formação e consolidação de alunos leitores. Leitores que sejam críticos e cidadãos que atuam, de fato. Cosson (2012, p. 65) defende que:

na escola, é preciso compartilhar a interpretação e ampliar os sentidos construídos individualmente. A razão disso é que, por meio do compartilhamento de suas interpretações, os leitores ganham consciência de que são membros de uma coletividade e de que essa coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura.

O letramento feito com textos literários proporciona um modo privilegiado de inserção no mundo da escrita, posto que conduza ao domínio da palavra a partir dela mesma. Finalmente, o letramento literário precisa da escola para se concretizar, isto é, ele demanda um processo educativo específico que a prática de leitura de textos literários não consegue sozinha acontecer.

Na perspectiva do letramento literário, o foco não é somente a aquisição de habilidades de ler gêneros literários, mas o aprendizado da compreensão e da ressignificação desses textos, através da motivação de quem ensina e de quem aprende. A literatura precisa de um processo de

“escolarização”, mas não de forma descaracterizada e negada sua função social.

A escolha dos modos de ler reforça o importante papel do professor. Ao levar um livro literário para a sala de aula, ele deve, antes, procurar conhecê-lo para planejar um trabalho a ser realizado que corresponda ao nível e expectativas dos alunos. (PAIVA, RODRIGUES, 2007, p.113)

A hora do conto, por exemplo, encanta as crianças fixando sua atenção e instigando sua imaginação. Em relação à literatura, Abramovich (1993, p. 16) realça:

[...] Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo [...].

Ouvir histórias é muito importante na formação de qualquer criança, é o início da aprendizagem para ser um leitor e, tornar-se um leitor é começar a compreender e interpretar o mundo. Por isso, precisamos “[...] ler histórias para as crianças, sempre, sempre...” (ABRAMOVICH, 1993, p.17).

Para que a literatura cumpra seu papel de encantamento no imaginário do leitor, é fundamental o trabalho do professor. Ele será o mediador e condutor do trabalho realizado em sala de aula, demonstrando a utilidade do livro e o prazer que há no ato de ler.

As escolas precisam rever o hábito de contar histórias e o caminho para esse resgate deve começar pelos professores, pois são eles os contadores de histórias nas salas de aulas. As práticas de sala de aula precisam contemplar o processo de letramento literário e não apenas a mera leitura de obras.

A literatura é uma prática e um discurso, cujo funcionamento deve ser compreendido criticamente pelo aluno. Cabe ao professor fortalecer essa disposição crítica, levando seus alunos a ultrapassar o simples consumo de textos literários. (COSSON, 2012 p.47)

A sequência básica do letramento literário proposta pelo autor é constituída por quatro passos: motivação, introdução, leitura e interpretação.

A de *motivação* são aquelas que estabelecem laços com o texto que se vai ler; A *introdução* é a apresentação do autor e da obra; o acompanhamento da *leitura* e a *interpretação* que constituem as inferências, para chegar à construção do sentido do texto, dentro de um diálogo que envolve autor, leitor e comunidade (COSSON, 2012 p.51).

Ao seguir essas etapas, o professor, segundo o autor, sistematiza seus trabalhos e oferece ao aluno um processo coerente de letramento literário. Nesse sentido, o letramento literário é uma estratégia metodológica voltada ao fortalecimento e ampliação da educação literária oferecida aos alunos a fim de torná-los leitores proficientes, dentro e fora do contexto escolar; em outras palavras, é o uso social da Literatura.

A seguir, tecerei algumas reflexões em torno do eixo “compreensão textual” e a mediação do professor no contexto da literatura.

### **1.3 A mediação do professor e a prática de compreensão leitora de textos literários**

“Mediar o desenvolvimento da leitura é exercitar a compreensão do aluno, transformando-o de leitor principiante em leitor ativo” (FREITAS, 2012, p. 68).

A mediação na prática de leitura na escola acontece, sobretudo, através do professor, aluno e do material, nesse caso, pelo texto literário. Nesse contexto, entendo que é uma de suas atribuições atuar como mediador desse processo de compreensão leitora.

Essa interação anteriormente descrita deve ser entendida como as estratégias e auxílios que são utilizados pelo professor, para que o aluno, dentro do processo de compreensão leitora, possa construir um diálogo com o texto. É de suma importância que haja a intervenção do professor, a fim de colaborar para a compreensão dos textos que serão trabalhados.

Para Solé (1998), as estratégias de compreensão leitora

São procedimentos de caráter elevado, que envolvem a presença de objetivos a serem realizados, o planejamento das ações que se desencadeiam para atingi-los, assim como a sua avaliação e possível mudança (p.69)

O ensino das estratégias de leitura ajuda o aluno a aplicar seu conhecimento prévio, a realizar as inferências para interpretar o texto e a identificar e esclarecer o que não compreende.

Em síntese é necessário ensinar estratégias de compreensão porque queremos formar leitores autônomos, capazes de enfrentar de forma inteligente textos de índole muito diversa, na maioria das vezes diferentes dos utilizados durante a instrução. Esses textos podem ser difíceis, por serem muito criativos ou por estarem mal escritos. De qualquer forma, como correspondem a uma grande variedade de objetivos, cabe esperar que sua estrutura também seja variada, assim como sua possibilidade de compreensão. (SOLÉ, 1998, p.72)

O ato de relacionar o conhecimento prévio com os assuntos abordados nos livros, nas matérias escolares e nos jornais é importante para que o professor possa despertar o interesse da criança diante da leitura.

A leitura é o resultado de uma série de convenções que uma comunidade estabelece para a comunicação entre seus membros fora dela. Aprender a ler é mais do que adquirir uma habilidade, e ser leitor vai além de possuir um hábito ou atividade regular, são práticas sociais que medeiam e transformam as relações humanas. (COSSON, 2012, p.40)

Há três modos de compreender a leitura, segundo (Cosson, 2012).

A primeira etapa é a antecipação, consistem nas várias operações que o leitor realiza antes de penetrar no texto propriamente dito. A leitura começa nessa antecipação que fazemos do que diz o texto: a segunda etapa é a decifração, quanto maior é a nossa familiaridade e o domínio das letras e palavras mais fácil é a decifração: a terceira é a etapa de interpretação, o centro desse processamento são as inferências que levam o leitor a entretecer as palavras com o conhecimento que tem do mundo. Interpretar é dialogar com o texto tendo como limite o contexto o contexto. (p.40)

Com a interpretação se fecha o ciclo primeiro e imediato da leitura, isto é, o processo de leitura completa seu primeiro estágio quando cumprimos essas três etapas.

Para se compreender um texto, torna-se necessário que o aluno se aproprie de várias competências, que implicam uma mobilização dos conhecimentos e esquemas que se possui para desenvolver respostas criativas, eficazes para problemas novos. A compreensão leitora deve ser

trabalhada, para que o aluno alcance objetivo proposto, que é a compreensão do texto.

Formar leitores autônomos significa formar leitores capazes de aprender a partir dos textos, conforme Solé (1998). Ou seja, acaba-se estabelecendo relações com o que se lê, questionando, assim, seu conhecimento, conhecimentos prévios do aluno sobre um determinado tema.

poder ler, isto é, compreender e interpretar textos escritos de diversos tipos com diferentes intenções e objetivos contribui de forma decisiva para autonomia das pessoas, na medida em que a leitura é um instrumento necessário para que nos manejemos com certas garantias em uma sociedade letrada. (SOLÉ, 1998, p.18)

Por ser mediador dessa atividade, o professor precisa fornecer instruções para que os alunos cheguem à compreensão do texto, estimulando seus alunos a expor o que conhecem do tema, dar espaços às dúvidas, ler o texto e estudá-lo para que possam ter sua própria opinião, ter elementos para questionar o texto, facilitando, a mediação com o aluno.

Segundo Carvalho (2002), a aprendizagem da leitura se torna mais eficiente quando os leitores trazem o conhecimento a respeito das convenções, características, tipo de estrutura do texto cuja leitura vai iniciar. Ao entrarem na escola, os alunos já trazem consigo uma bagagem de conhecimentos, no momento da mediação, deve-se explorar mais esse conhecimento.

A escolha dos modos de ler reforça o importante papel do professor. Ao levar um livro literário para a sala de aula, ele deve antes procurar conhecê-lo, para planejar um trabalho a ser realizado que corresponda ao nível e expectativas dos alunos.

Para compreender o que se está lendo, é preciso ter conhecimentos sobre o assunto, mas algumas coisas podem ser feitas para ajudar as crianças a utilizar o conhecimento prévio que têm sobre o assunto, como dar alguma explicação geral sobre o que será lido; ajudar os alunos a prestar atenção a determinados aspectos do texto, que podem ativar seus conhecimentos prévios ou apresentar um tema que não conheciam.

Por isso é importante ajudar as crianças a utilizar simultaneamente diversos indicadores: como títulos, ilustrações, o que se pode conhecer sobre o autor, cenário, personagem, ilustrações, etc. para a compreensão do texto como um todo.

A escola desempenhará bem seu papel, na medida em que, partindo daquilo que a criança já sabe (o conhecimento que ela traz de seu cotidiano, suas ideias a respeito dos objetos, fatos e fenômenos, suas “teorias” acerca do que observa no mundo), ela for capaz de ampliar e desafiar a construção de novos conhecimentos, na linguagem vygotskiana, incidir na zona de desenvolvimento potencial dos educandos. Desta forma poderá estimular processos internos que acabarão por se efetivar, passando a construir a base que possibilitará novas aprendizagens. (REGO, 2013, p.108)

O professor deve auxiliar seus alunos a desenvolverem suas habilidades e estratégias para que possam ampliar seus conhecimentos, o seu vocabulário, a relacionar seus conhecimentos prévios e compreender, também, a importância da leitura, bem como o significado de tudo que o rodeia.

O professor deve estar atento à importância de alfabetizar letrando, levando a criança a conviver com as práticas de leitura e com a escrita, promovendo atividades que aumente a prática da leitura, inovando as formas de se trabalhar os textos, é possível trabalhar de forma lúdica com textos literários na alfabetização.

## **CAPÍTULO 2. METODOLOGIA**

Esta pesquisa adotou a abordagem qualitativa. Para Bortoni-Ricardo (2008, p.34), essa perspectiva procura entender, interpretar fenômenos sociais inseridos em um contexto.

Recorri, para coleta de dados, à entrevista semiestruturada. Para Manzini (1990, p. 154), “a entrevista semiestruturada está voltada para um assunto sobre o qual é feito um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões ligadas ao momento da entrevista”.

A pesquisa foi realizada em uma escola particular, localizada na Asa Norte, Brasília-DF, com duas professoras regentes, sendo uma do ensino regular e a outra específica da contação de histórias. As entrevistas aconteceram no mês de outubro de 2014 e foram gravadas em áudio.

Os relatos foram essenciais para compreender como se dava o processo de compreensão leitora da criança, perceber como era feita essa mediação do professor em sala de aula, como as professoras trabalhavam com os textos, com agiam ao se depararem com as dificuldades de compreensão de algumas crianças, e quais as estratégias eram utilizadas.

### **Caracterização da escola**

A escola está localizada na Asa Norte, Brasília-DF. É uma instituição particular, que foi construída em 1997. Oferecia uma infraestrutura completa e adequada a cada nível de ensino. No contexto da pesquisa, contava com uma equipe com cerca de mais de 250 educadores, formados em nível de graduação e pós-graduação em suas áreas de atuação.

A escola tinha em cerca 1600 estudantes, inseridos desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. Contava com a parceria de um coordenador e um orientador para cada nível de ensino, auxiliares de disciplina que eram profissionais orientados para auxiliar os alunos. Estes ficavam, também, circulando pela escola, a fim de garantir uma maior segurança e organização no colégio. Havia ainda, uma enfermaria na escola, onde

trabalhavam dois enfermeiros. Os auxiliares da limpeza estavam sempre mantendo os ambientes limpos e agradáveis para a comunidade educativa.

A escola oferecia vários programas e projetos que visavam à formação integral do estudante. Contava com atividades extraclasses e com profissionais qualificados para se trabalhar com essas modalidades, sendo essas: Judô, ginástica, natação, dança, música, artes, teatro e os específicos esportes de quadra.

Possuía uma biblioteca, com uma ótima estrutura. Tratava-se de, um ambiente muito agradável, onde se trabalhava sistematicamente a leitura na formação dos alunos. Focava muito em atividades que pudessem promover o interesse dos estudantes pela leitura. Os alunos frequentavam a biblioteca toda semana.

A Biblioteca infantil possuía um acervo com, aproximadamente, 4.500 títulos. Havia várias estantes que eram adequadas para os estudantes da educação infantil ao 5º ano do ensino fundamental. E, na própria biblioteca, tinha uma sala que era destinada, para a “Hora do conto”. Tratava-se de um projeto da escola, voltado aos estudantes da educação infantil ao 5º ano, onde eram desenvolvidas variadas atividades lúdicas que complementavam os conteúdos trabalhados em sala de aula.

### **Participantes da pesquisa**

Foram selecionadas para a entrevista duas professoras. A primeira era a professora regente de uma turma de 1º ano do ensino fundamental. Graduada em Pedagogia pela Universidade de Brasília – UnB, concluiu seu curso no ano de 2003. Cursou, também, pós-graduação na área de psicopedagogia, concluindo-o em 2007. Atuava no magistério há 11 anos, sendo 6 na área de alfabetização. Sempre trabalhou em rede privada, e, além de trabalhar em escola, trabalhava, também, em uma clínica. Segundo seu relato, gostava muito da profissão e tentava melhorá-la a cada ano que passava.

A segunda professora era uma profissional da escola, específica da hora do conto. Fez o magistério (atual curso Normal Médio), e é graduada em Pedagogia, pela Unicesp, concluiu seu curso no ano de 2002. Fez um curso de contação de história em 2003, e atuava como professora há mais de 10 anos. Sempre trabalhou em rede privada, e adorava trabalhar com contação de história.

## **CAPÍTULO 3. ANÁLISE DE DADOS**

### **3.1 Concepções das professoras acerca da alfabetização e do letramento**

Ao me reportar às concepções das professoras pesquisadas quanto aos eixos de alfabetização e letramento, verifiquei, em relação à profissional Nádia, um distanciamento conceitual do que vem defendendo alguns autores do campo a exemplo de Soares (1998). A mestra afirmou que:

Com relação à alfabetização e letramento, percebo que o letramento está associado à codificação e decodificação de linguagem, e a alfabetização é conclusão desse trabalho, quando a criança assimila e codifica o que tem sido trabalhado. (Professora Nádia, professora regente da turma de 1º ano do 1º ciclo).

Sobre esse assunto, Moraes (2005) aponta que há uma diferenciação conceitual e metodológica de código e sistema de escrita alfabética. Conforme o autor, ao contrário de se constituir num processo de memorização, apropriar-se de um sistema implica numa longa e árdua empreitada cognitiva por parte do sujeito acerca de uma série de propriedades do sistema, a fim de reconstruí-lo e alcançar uma escrita alfabética. Por outro lado, o letramento, sinaliza para o uso autônomo da escrita nos mais diferentes contextos sociais. É o uso social da leitura e da escrita. O ideal, segundo Soares (1998), seria alfabetizar e letrar o sujeito de forma concomitante.

Contrariamente ao que pensam os autores supracitados, a professora parece não ter tido clareza conceitual e metodológica das especificidades desses campos.

Observei o mesmo equívoco por parte da professora que atuava com contação de histórias. Ao descrever o que significava alfabetização e letramento para ela, realçou:

No que eu faço nas histórias, a alfabetização é muito importante. As histórias fazem parte da alfabetização, mesmo que algumas crianças ainda não saibam ler, elas também fazem parte com os textos, com as imagens, e isso tudo faz

parte do letramento, do dia a dia. (Professora Ester, professora da hora do conto).<sup>1</sup>

Assim como no primeiro caso, a confusão conceitual se repete, ou seja, ao relatar o trabalho que realiza com textos, a professora apontou a relevância de uma leitura não convencional por parte das crianças, indicando o quanto essa prática é relevante para o trabalho com letramento na escola, entretanto, atrelou isso ao processo de alfabetização. Mais uma vez, chamo a atenção para o que os autores apontam acerca desses eixos. Embora aponta Soares (1998) uma relação de interdependência entre alfabetização e letramento, há especificidades importantes a serem realçadas nesses campos.

Seguirei apontando o que as mestras afirmaram acerca do trabalho com leitura na sala de aula.

### **3.2 A prática de leitura na sala de aula: como procediam as professoras?**

Essa seção é voltada, à leitura de textos em sala de aula, a fim de apreender, de que modo as professoras trabalhavam com esse eixo de ensino de língua. Tive interesse em apreender se as professoras recorriam à leitura individual, à leitura coletiva, entre outras possibilidades e com que frequência essa atividade ocorria. Sobre esse assunto, Solé (1998) aponta que:

O processo de leitura deve garantir que o leitor compreenda o texto e que pode ir construindo uma ideia sobre seu conteúdo, extraíndo dele o que lhe interessa, em função de seus objetivos. Isto pode ser feito mediante uma leitura individual, precisa, que permita o avanço e o retrocesso, que permita parar, pensar, recapitular, relacionar a informação com o conhecimento prévio, formular perguntas, decidir o que é importante e o que é secundário. É um processo interno, mas deve ser ensinado. (SOLÉ, 1998, p.32).

A despeito dessa prática, a professora Nádia afirmou que:

As leituras dos textos em sala de aula estão inseridos, e são extremamente importantes, até por que a gente tira parte do texto, do texto para frase, da frase para a palavra, e da palavra

---

<sup>1</sup> Destaco que o nome das professoras são fictícios, a fim de resguardar suas identidades.

o fonema que tem sido trabalhado. Então o texto, ele é parte fundamental desse trabalho. É a partir dele que começa a questão da alfabetização.

A partir da leitura de textos, conforme Albuquerque (2007) pode-se trabalhar uma variedade de coisas. “É preciso que haja o desenvolvimento de um ensino no nível da palavra, que leve o aluno a perceber que o que a escrita representa (nota no papel) é sua pauta sonora, e não o seu significado, e que o faz através da relação fonema/grafema”. A autora continua realçando que é:

Imprescindível que, diariamente, em turmas de alfabetização em que os alunos estão se apropriando do sistema de escrita, a professora realize atividades com palavras que envolvam, entre outras coisas: uma reflexão sobre suas propriedades: quantidade de letras e sílabas, ordem e posição das letras, etc. A comparação entre palavras quanto à quantidade de letras e sílabas e à presença de letras e sílabas iguais. A exploração de rimas, palavras que possuem o mesmo som em distintas posições (inicial e final, por exemplo). (ALBUQUERQUE, 2007, p.20)

Entendo que a atividade de leitura pode propiciar esse trabalho voltado para a apropriação do sistema de escrita alfabética, conforme aponta Albuquerque. Entretanto, através do relato da professora Nádia, ficou clara a opção por partir do texto para explorar unidades menores. A professora utiliza nesse momento, o método analítico, que consiste em trabalhar dos maiores fragmentos, para os menores. Não notei, em seu depoimento, a explicitação das variadas formas de abordar a leitura na sala de aula. Quando realça que, através do texto, é possível trabalhar com o fonema. A literatura já aponta limitações dos antigos métodos, mas, em alguns sistemas de ensino brasileiro, ainda há pacotes que insistem com esses métodos.

Em relação a essa prática desenvolvida por parte da professora contadora de histórias, apreendi o seguinte:

As leituras dos textos são importantes e está presente sempre, são textos que tiro do dia a dia, da vivência, das brincadeiras, brincadeiras que nós fazemos todos os dias, e trazemos para dentro da sala de aula. Envolve muito mais os alunos em suas atividades. E na nossa escola, além do espaço a hora do conto, as crianças tem biblioteca de sala de aula, e lá também eles exploram muito os livros, mesmo sem saber ler, lendo, fazendo leitura de imagens também que é muito importante.

Sobre esse assunto, Solé (1998) aponta que:

Atualmente, na escola e ao longo da etapa fundamental, dedicam-se várias horas por semana a linguagem, em que se situa uma parte importante do trabalho de leitura (em geral, costuma-se prever um horário de biblioteca nas escolas, tanto na sala de aula como nos aposentos destinados a esse objetivo). Além disso, a linguagem oral e escrita encontra-se presente nas diferentes atividades próprias das áreas que constituem o currículo escolar. Assim, para muitos professores, a linguagem é trabalhada continuamente. (SOLÉ, 1998, p 34).

Observei, nos relatos, essa presença sistemática da leitura, entretanto, no caso da professora Nádia, essa parecia ocorrer como ponte para o trabalho com outras unidades linguísticas. A leitura não era praticada como atividade em si. Interessante que o depoimento da professora contadora de histórias, havia não só um trabalho específico de leitura em outros espaços da escola como na própria sala de aula. Ainda me reportando a essa prática, a professora Nádia afirmou que:

Temos também a sacola literária onde uma vez por semana cada criança leva a sacola, dentro da sacola contém três livros. Desses três livros a criança necessita ler os três, escolher um, e depois dessa leitura, ele faz uma atividade direcionada, o livro tem várias sugestões, é um caderno, pode ser ou trazer o personagem principal, confeccionar um cartaz sobre o livro, fazer um bilhete sobre a história, inventar um novo final para a história, é uma sequência. Cada criança tem uma atividade especial, relacionando ao livro que leu e uma vez por semana uma criança é sorteada para levar.

Pode-se perceber que as falas das professoras estão bem próximas, que havia sim uma presença muito grande da leitura, no ambiente escolar, e parece que fora dela também, pois as crianças levavam a sacola literária para casa, que propiciava um momento a mais de leitura. Grande parte das atividades era lúdica, o que, de certa forma, poderia vir a facilitar o gosto da criança pela leitura.

A seguir, analisarei quais gêneros textuais eram priorizados na sala de aula.

### 3.3 Gêneros literários utilizados pelas professoras

Essa seção é voltada aos gêneros literários que as professoras priorizavam em sala de aula. A escola deve propor uma diversidade de gêneros, a fim de aproximar o aluno dos variados gêneros e tipos textuais, e a contribuir, também, para a prática de leitura e escrita. Portanto, torna-se necessária essa vivência da criança, que ela tenha o contato com histórias, narrativas, entre outros, para que possam se familiarizar com a organização dos textos.

Ao ser perguntada sobre os gêneros que utilizava em sala de aula, a professora Nádia respondeu o seguinte:

Utilizamos todos os tipos de textos, todos os gêneros literários, trava língua, poemas, histórias em quadrinho, receitas, todos que estejam de acordo com o fonema que vai ser estudado, e temos também um encontro semanalmente com uma profissional escolhida pela escola, onde a gente trabalha o conto, é alguém que não só eu trabalho, mas é tão importante na nossa escola, que a gente vê a necessidade de uma pessoa especialista para trabalhar com os contos, onde as crianças também são convidadas a participar das atividades, encenando ou fazendo reconto, é algo que é um diferencial.

Já a professora Ester apontou que:

Costumo explorar gêneros de poesias, cantigas, brincadeiras de roda, e nós fazemos tudo isso para as histórias. Retiro de livros, gibis, textos, imagens que trago de acordo com a leitura, com a história que vou trabalhar e aqui na nossa escola além do espaço a hora do conto, as crianças tem biblioteca de sala de aula, e lá também eles exploram muito os livros, mesmo sem saber ler, lendo, fazendo leitura de imagens que também é muito importante.

Pude perceber através da fala da professora Ester, que ela se equivoca ao responder a questão relacionada aos gêneros. A professora diz que as cantigas e as brincadeiras de roda, também são gêneros, e não são. É necessário que haja um cuidado em meio às concepções.

As crianças precisam experimentar vários materiais de leitura como, por exemplo, os que foram citados pelas professoras. É importante que o professor trabalhe diversos gêneros textuais, que abra esse leque para seus alunos, para que possam ter o conhecimento sobre os diversos tipos de textos, cada um com sua particularidade.

A exploração da diversidade de gêneros em sala de aula pode tornar a leitura mais prazerosa, a prática da leitura e escrita pode ser bem explorada. Cabe à escola oportunizar essa interação, onde os alunos possam ser solicitados a ler e a produzir textos a partir de várias alternativas didáticas.

A seguir, apontarei questões sobre o professor mediador no processo de compreensão leitora, e as alternativas de compreensão utilizada pelas professoras.

### **3.4 O que é preciso, enquanto professor, para ser um mediador no processo de compreensão leitora? Quais as alternativas de compreensão leitora são utilizadas em sala de aula?**

Para ser um mediador no processo de compreensão leitora, em primeiro lugar, creio que seja necessário se preocupar com o problema, a fim de solucioná-lo, e, para isso, buscar alternativas de compreensão. Essa seção é voltada à concepção das professoras em relação a essa temática.

O professor mediador é um colaborador na construção do conhecimento de seus alunos, participa orientando, acompanhando o aluno, ele não considera somente o seu saber, mas sim o de todos, pois estão inseridos em um espaço de aprendizagem onde todos são seres pensantes e capaz de contribuir para a construção do conhecimento.

Dessa forma o aluno torna-se sujeito desse processo educativo, interagindo e participando ativamente das aulas. O professor deve incentivar a aprendizagem de seus alunos, mostrando-lhes novos caminhos para que eles possam construir seus próprios conceitos e se constituírem em sujeitos autônomos.

A despeito dessa prática, a professora Nádia, relatou que:

Fazemos uma interdisciplinaridade com todas as matérias, a fim de incentivar a leitura, porque a gente acredita que a leitura e a interpretação, ela está inserida em todas as disciplinas, então existe a importância dessa contextualização, e nós fazemos uma organização de todas as disciplinas, elas interagem entre o fonema que está sendo introduzido e entre o tipo de texto que está sendo trabalhado, em todas as

disciplinas, inclusive Matemática, Música, Conto, Histórias em quadrinhos, todos eles bem interdisciplinar.

A professora Nádia acreditava que, para ser um bom mediador nesse processo, era importante incentivar a leitura de forma interdisciplinar, ou seja, era necessário que houvesse um trabalho conjunto em todas as disciplinas.

Já a professora Ester, apontou que:

(...) Bem sempre, bem sempre incentivar a leitura, a contação de história é um momento muito importante para as crianças até a alfabetização também, com as histórias elas interagem muito melhor, elas conseguem ter gosto pela leitura, ajuda muito a criança que não gosta de ler, pois ela se interessa por causa da contação de história.

A professora Ester, citou a importância da contação de história, e, assim como Nádia, acreditava que para ser um mediador nesse processo era importante o incentivo da leitura, pois, através desse incentivo, elas construíam o gosto pela leitura.

Analisarei agora, as relações que se estabelecem entre o ler e o compreender, se as professoras utilizavam alternativas de compreensão leitora em sala de aula, a fim de facilitar o entendimento das crianças referente aos textos trabalhados, e que possam fazer uma reflexão sobre o que está sendo lido.

Sobre essa questão a professora Nádia, apontou o seguinte:

Através dos textos, as crianças participam fazendo atividades, as crianças que sabem ler já leem as crianças que leem frases a gente convida para ler a frase, a leitura oral a gente acha bem importante, porque através dela que as crianças aprendem inclusive a trabalhar organização corporal, organização das atividades, e elas se sentem valorizadas quando conseguem atingir a habilidade.

A professora explicitou, também, que existia, em sala de aula, uma prática onde as crianças levavam para casa uma pasta de leitura três vezes na semana, e, nessa pasta, iam textos escritos em diferentes tipos de letras, em caixa alta, em cursiva, em script. Eram textos retirados de livros didáticos e plastificados para que ficassem conservados. As crianças faziam um rodízio com esses textos, tendo acesso a eles durante a semana, e uma vez por semana também.

Sobre a função da leitura literária na escola, Cosson (2012) aponta que:

na escola a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas, sim, e, sobretudo, porque nos fornece como nenhum tipo de leitura faz os instrumentos necessários para conhecer e articular, com proficiência, o mundo feito linguagem. (COSSON, 2012, p.30).

Pelo que pude perceber na fala da primeira professora, ela solicitava muito mais a leitura autônoma de seus alunos. Isso é muito bom, pois esse é um dos maiores objetivos, mas não deu para perceber neste momento se ela lia antes para os alunos.

Já a professora Ester relatou que:

Sim, toda vez que eu vou contar as histórias, eu costumo ler antes, conhecer um pouco do autor, falar um pouco do autor para a turma, por exemplo: Monteiro Lobato, Brasileiro, então eu gosto sempre de estar falando como ele começou como ele iniciou o seu trabalho. Sempre leio antes para eles.

A professora Ester já incluía sua prática nesse processo, sempre lia antes para as crianças, contava um pouco sobre o autor. Utilizava como estratégia, também, o reconto. Algumas vezes, na hora do conto, não só se fantasiava de acordo com a história, como convidava 4 ou 5 crianças para participarem da história e vivenciarem o momento, ou seja, eles faziam parte da dramatização junto com a professora. Sempre os convidava para serem personagens e participarem desse processo de aprendizagem.

Pode-se perceber, que ambas as professoras reservavam momentos para a leitura, possibilitando, aos alunos, o contato com os livros, para que pudessem explorá-los.

Em relação ao eixo da leitura, Paiva e Rodrigues (2007) relatam que:

“a leitura de livros de literatura pode também instituir novos modos de ler na escola. Por ser um objeto de fácil locomoção, o espaço em que acontece a leitura não precisa ser necessariamente a carteira da sala de aula”. (PAIVA, RODRIGUES, 2007, p.113).

Os alunos visitavam a biblioteca duas vezes na semana. Na ocasião escolhiam dois livros para serem levados para casa, e ainda tinham a biblioteca de sala, que era uma atividade proposta após o término do dever de casa. Eles podiam escolher um livro para fazerem uma leitura espontânea, podiam ficar a vontade para escolher e sentar no tapete, para fazer a leitura. As crianças que não terminavam a atividade tão rapidamente, para não ficar prejudicada por não ter esse tempo de leitura, no final da aula a professora sempre abria espaço para a escolha de livros literários.

### **3.5 Estratégias utilizadas pelas professoras, em relação aos alunos que possuem dificuldade de compreensão.**

O professor tem papel essencial e significativo na aprendizagem de seus alunos, é necessário dar o suporte para um melhor desenvolvimento de seus educandos. Cada criança tem o seu tempo, ninguém assimila determinadas coisas da mesma forma, é claro que há crianças que se desenvolvem de forma significativa, e outras que já demandam um tempo maior. Portanto, nessa seção, busco analisar qual a forma de trabalho que as professoras utilizavam com as crianças que possuíam dificuldades de compreensão textual.

Sobre esse assunto Solé (1998) aponta que:

Para ensinar as estratégias que podem ser adotadas ante as lacunas de compreensão, não se deve fazer muito mais do que o imprescindível para a compreensão do texto: discutir com os alunos os objetivos da leitura; trabalhar com materiais de dificuldade moderada que representam desafios, mas não tarefas pesadas para o aluno; proporcionar e ajudar a ativar os conhecimentos prévios; ensinar-lhes a inferir, a fazer conjecturas, a se arriscar e a buscar verificação para suas hipóteses; explicar as crianças o que podem fazer quando se depararem com problemas no texto. (SOLÉ, 1998, p.130-131)

Acerca dessa questão a professora Nádia aponta que:

As crianças que ainda não estão alfabetizadas, a gente faz um rodízio, separando inclusive de atividades com relação ao grau de dificuldades que vai ser pedido pra ela, então as crianças que demonstram não ter dificuldade, por que a gente sabe que é um processo, algumas são mais rápidas, outras demandam um tempo maior, a gente trabalha com jogos, as atividades são

diferenciadas, por exemplo, a criança que já está alfabetizada a gente pede pra que ela forme frases, as crianças que ainda não estão à gente pede para montar palavras, então o grau de dificuldade da atividade muda, isso em no planejamento, então a gente segue de acordo com a orientação que a professora de português organiza para nós.

A partir da fala da professora Nádia, podemos perceber que ela propiciava diversas atividades, e também fazia uso do lúdico os auxiliando na construção de sua autonomia, e o fato de mudar o grau de dificuldade das atividades é interessante, pois as crianças passavam por diferentes tipos de aprendizagem. Sobre esse assunto, Moura e Martins (2012) apontam

No caso de um leitor aprendiz com dificuldades, a estratégia de leitura do texto parágrafo a parágrafo ajuda o aluno na percepção de quais informações estão sendo acrescentadas no momento de leitura, possibilitando-lhe relacioná-las as anteriores e/ou as seguintes, ou seja, permite o controle do ato de ler e de seu resultado. (MOURA, MARTINS, 2012, p.112).

A despeito dessa prática a professora Ester relatou que:

Como faço parte da hora do conto, acredito que a criança que viaja na leitura, ela compreende, escreve melhor, aprende a escrever por causa da leitura que ela faz. Nas minhas aulas, costumo trazer as crianças para as histórias, mantendo sempre atentas a aula, e elas se envolvem bastante, utilizo além de diversos textos, muitas imagens, cantigas, vários recursos lúdicos como estratégia.

O fato de a professora utilizar como estratégia a aproximação das crianças para a história é muito interessante, pois essa prática envolvia os alunos, fazendo com que, assim, se sentissem parte desse processo, encaminhamento que, facilitava a aprendizagem.

No decorrer da leitura ou contação de histórias literárias, o educador poderá se valer-se de diferentes estratégias que levarão seus educandos a (re) pensarem a leitura que está sendo feita. O professor que atua como agente de leitura deve dar espaço para as inferências e dúvidas dos alunos, ainda que venham a interromper a leitura, permitindo assim, o debate entre os alunos e as especulações sobre o que pode vir a acontecer. O professor instiga a reflexão dos alunos e levanta questões a serem refletidas. Isso deve acontecer nas leituras feitas coletivamente em sala de aula. No entanto as leituras feitas individualmente pelos alunos, como atividade

extraclasse, também merecem espaço de reflexão e debate nas classes escolares. (OLIVEIRA, ANTUNES, 2013, p. 78).

O professor deve estar sempre atento a sua forma de atuação como mediador desse processo, buscando diferentes estratégias que levarão seus alunos a um melhor desenvolvimento da compreensão leitora.

Anunciarei, a seguir, minhas considerações finais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A criança que lê é beneficiada de diversas formas, aprende a se comunicar, e desenvolver-se melhor. A leitura frequente ajuda a criança a ter familiaridade com o mundo da escrita, facilita na alfabetização e a ajuda na compreensão de todas as áreas de conhecimento.

Cabe ao professor auxiliar seus alunos, na sistematização das leituras, que podem auxiliá-los, a adquirir o conhecimento do que foi lido. O educador tem a responsabilidade de trabalhar com seus alunos, maneiras de compreensão leitora de textos, de variadas formas. Pode-se concluir que as intervenções das professoras, com o objetivo de mediar, propiciam de forma produtiva, a compreensão leitora de seus alunos em relação aos textos lidos.

É importante enfatizar uma boa formação do professor para conduzir com competência o processo de compreensão de seus alunos. Os educadores precisam estar preparados para mediar, individualmente ou coletivamente, os alunos para um trabalho de leitura, de textos literários a fim de oportunizar um aprendizado significativo. O professor é um dos responsáveis por esse trabalho.

Se não tivermos essa compreensão do papel correto de mediador, o professor acabará perdendo oportunidades de levar aos alunos, informações necessárias referentes aos assuntos a serem estudados, e assim não irão conseguir traçar e alcançar sua meta. Essa estratégia depende do empenho do professor e do aluno para que possam render bons resultados, a fim de tornar os alunos letrados.

Através dos relatos obtidos, pude verificar que o trabalho das professoras, contribui e muito para a formação de seus alunos. Pois utilizam variadas estratégias, diferentes alternativas didáticas e pedagógicas, que facilitam a leitura das crianças.

Pude verificar também as concepções das professoras, referente aos itens analisados, e é necessário que haja um avanço, nas questões relacionadas à alfabetização e letramento, pois ambas as professoras não

responderam com clareza algumas questões, não deram um suporte maior, observei o mesmo equívoco por parte das duas docentes.

## **PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS**

Um novo universo de conhecimentos e possibilidades foi surgindo no decorrer de minha formação acadêmica, e a partir disso penso sobre o que quero para o meu futuro.

Acredito ser importante atuar, nos diversos espaços educativos, sejam eles escolares ou não escolares, e adquirir essa experiência de ambos os espaços durante o curso, mas o que mais chamou a minha atenção, e foi o que pude perceber através da vivência que tive na faculdade, e também nos meus estágios, é essa troca de conhecimentos que nos enriquecem, é saber que sempre aprendemos um com o outro.

Nessa perspectiva, pretendo ampliar meus estudos, fazer um mestrado, passar em concursos públicos ligados à área da educação, e tenho interesse em atuar como docente em escolas públicas, que é onde o professor tem mais liberdade de trabalhar os conteúdos com seus alunos das demais variadas formas.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. 3. Ed. São Paulo: Scipione, 1993.

ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia. Conceituando alfabetização e letramento. In: SANTOS, Carmi Ferraz; MENDONÇA, Márcia. **Alfabetização e letramento**: Conceitos e relações. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola, 2008.

CARVALHO, Marlene. **Guia prático do alfabetizador**. São Paulo, SP: Ática, 2002.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2012.

FREITAS, Vera Aparecida. Mediação: estratégia facilitadora da compreensão leitora. In: BORTONI-RICARDO et alli. **Leitura e mediação pedagógica**. São Paulo: Parábola, 2012.

MACIEL, Francisca Izabel Pereira; LÚCIO, Iara Silva. Os conceitos de alfabetização e letramento e os desafios da articulação, entre teoria e prática. In: CASTANHEIRA et alli. **Alfabetização e Letramento na sala de aula**. Belo Horizonte. Autêntica: Ceale, 2008.

MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social**. Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MENDES, Solange Alves de Oliveira. Leitura, compreensão e produção textuais: progressão desses eixos de ensino de língua portuguesa no 1º ciclo. In Anped, 2013, Goiânia. Anais... Goiânia: UFG, 2013.

MORAIS, Artur Gomes. Se a escrita alfabética é um sistema notacional (e não um código) que implicações isso tem para a alfabetização? In MORAIS, Artur Gomes de; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia; LEAL, Telma Ferraz. **ALFABETIZAÇÃO**: apropriação do sistema de escrita. Belo Horizonte: autêntica, 2005.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Educação e Letramento**. São Paulo: UNESP, 2004.

MOURA, Ana Aparecida Vieira de; MARTINS, Luzineth Rodrigues. A mediação da leitura: do projeto a sala de aula. In: BORTONI-RICARDO, Stella Maris et alli. **Leitura e mediação pedagógica**. São Paulo: Parábola, 2012.

OLIVEIRA, Thais de; ANTUNES, Renata. Negligência na mediação do professor no trabalho da leitura. In: BORTONI-RICARDO, Stella Maris;

MACHADO, Veruska Ribeiro (orgs). **Os dozes trabalhos de Hércules**. São Paulo: Parábola, 2013.

PAIVA, Aparecida; RODRIGUES, Paula Cristina de Almeida. Letramento literário na sala de aula: desafios e possibilidades. In: CASTANHEIRA et ali. **Alfabetização e Letramento na sala de aula**. Belo Horizonte. Autêntica: Ceale, 2008.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: Uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e Alfabetização**. São Paulo, Cortez, 2006.

## **Apêndice**

### **Roteiro de entrevista semiestruturada**

- 1) Para você, o que é alfabetização e letramento?
- 2) Você costuma trabalhar com leitura de textos em sua sala? Caso sim, de que modo?
- 3) Que gêneros textuais costuma explorar em sua turma? O que lhe influencia no momento dessa escolha de gêneros?
- 4) Você trabalha com a compreensão leitora, ou seja, antes durante e/ou depois da leitura de um texto, costuma adotar alguma alternativa de compreensão?
- 5) No trabalho com a compreensão leitora, já realizou alguma atividade de dramatização de conto na sala de aula?
- 6) Em sua opinião, o que é preciso, enquanto professor, para ser um mediador no processo de compreensão leitora?
- 7) É possível articular as atividades de leitura, compreensão e produção de textos em sua turma? Caso sim, de que modo?
- 8) Você acredita que as atividades de compreensão textual possibilitam um avanço na escrita alfabética das crianças?
- 9) A que materiais didáticos recorrem para explorar gêneros textuais em sua sala?
- 10) Na sua prática, você reserva momentos para a leitura deleite, ou seja, há espaço para as crianças terem contato com os livros, explorarem por conta própria?
- 11) Como você trabalha com as crianças que possuem dificuldades de leitura e compreensão? Costuma fazer algum trabalho específico? Se sim, qual?